

UM MAPEAMENTO FUNCIONAL DAS CLÁUSULAS TEMPORAIS: VARIAÇÃO, PROCESSAMENTO E CODIFICAÇÃO

A FUNCTIONAL MAPPING OF TEMPORAL CLAUSES: VARIATION, PROCESSING, AND CODING

Sávio André de Souza Cavalcante¹
Márluce Coan²

RESUMO: Neste artigo, sob orientação sociofuncionalista (FREITAG, 2009, 2011), em direção função > forma, tratamos das funções textual-discursivas de cláusulas temporais, considerando-se, principalmente, a variação na ordenação em relação à porção textual que tais cláusulas escopam. Demonstramos, via análise de 783 dados reais, provenientes de 24 entrevistas do *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México (CSCM)*, que a ordem decorre de restrições de processamento, especialmente relacionadas à iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a) e à saliência perceptual/relevo discursivo (HOPPER; THOMPSON, 1980), as quais consideramos essenciais para explicar fenômenos em variação-mudança. Consoante Labov (1978), estreitar o contexto de variação pressupõe um levantamento prévio de todos os contextos de uso de determinada forma. A partir dessa orientação, uma interface entre Sociolinguística e Funcionalismo pode centrar-se no detalhamento de cada um desses contextos, observando restrições à variação. A análise revelou a existência das seguintes funções das Temporais, que, segundo os resultados, podem servir à hipotaxe, ao encaixamento e à justaposição (LIMA-HERNANDES, 2004): fundo guia/ orientação, ponte de transição, fundo moldura, fundo avaliativo, fundo finalidade, fundo comparativo-modal, fundo delimitação, fundo completivo, fundo identificativo, fundo especificador nominal, fundo reparo/reformulação e figura. Notamos que tais funções facilitam ou bloqueiam a variação posicional da cláusula em relação à nuclear e, quando há especialização (HOPPER, 1991) de função discursiva, a Temporal tende a fixar-se à margem direita do complexo sentencial, em posposição. Percebemos também que *tempo* pode, em instâncias mais abstratas, expressar relações textuais (TRAUGOTT; HEINE, 1991) ou qualificação (HEINE *et alii*, 1991).

PALAVRAS-CHAVE: Cláusulas Temporais; funções textual-discursivas; variação; processamento e codificação; Sociofuncionalismo.

ABSTRACT: *In this article, under the sociofunctionalist assumption (FREITAG, 2009, 2011), towards function > form, we deal with the textual-discursive functions of temporal clauses, considering, mainly, the variation in the order according to the textual portion that such clauses scope. We demonstrated, through analysis of 783 data, from 24 interviews of the “Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México (CSCM)”, that the order stems from processing restrictions, especially related to iconicity (GIVÓN, 1995, 2001a) and grounding (HOPPER; THOMPSON, 1980), which we consider essential to explain phenomena in variation and change. According to Labov (1978), narrowing the context of variation implicate prior research of all contexts of a certain form. From this orientation, an interface between Sociolinguistics and Functionalism can focus on detailing each of these contexts, observing restrictions on variation. The analysis showed the existence of the following temporal functions which can serve to hypotaxis, subordination, and juxtaposition (LIMA-HERNANDES, 2004): guide/orientation background, transition bridge, frame background,*

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. E-mail: savio.andre@ifce.edu.br. Orcid: [0000-0001-5152-6924](https://orcid.org/0000-0001-5152-6924)

² Universidade Federal do Ceará. E-mail: coanmalu@ufc.br. Orcid: [0000-0001-7809-8624](https://orcid.org/0000-0001-7809-8624)

evaluative background, purpose background, comparative-modal background, delimitation background, completive background, identification background, nominal specifying background, repair/reformulation background, and foreground. We note that such functions allow or block the positional variation of the clause regards to the nuclear one and, when there is a specialization (HOPPER, 1991) of discursive function, Temporal tends to put on the right margin of the sentence complex, in postposition. We also observed that time can, in more abstract instances, express textual relations (TRAUGOTT; HEINE, 1991) or qualification (HEINE et alii, 1991).

KEY-WORDS: *Temporal clauses; textual-discursive functions; variation; processing and coding; Sociofunctionalism.*

Introdução

Em Cavalcante (2015), discutiu-se a ordem variável de Cláusulas Temporais, mostrando haver restrições de cunho discursivo, entre as quais, as relacionadas às funções textual-discursivas desses elementos linguísticos. Entretanto, o trabalho segue a direção forma > função, já que toma a posição das orações como variantes de uma mesma variável, e, assumindo todas as Temporais como portadoras do mesmo valor de verdade, toma como grupo de fator suas funções.

Uma análise mais detida dos fatos revela que não só um mesmo padrão formal pode expressar diversas funções, mas também que uma mesma função pode ser codificada por diferentes formas, como vemos em (01) e (02), que representam, respectivamente, a função moldura (expressa fatos cotemporais aos da nuclear), codificada por uma Temporal anteposta e por uma posposta, competindo pela mesma função. No entanto, há funções que podem bloquear a variação, como em (03), cuja Temporal, com função de figura (contribui para a continuidade narrativa), especializa-se em determinada posição, refletindo iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Ademais, é preciso considerar que a Temporal em (03) poderia ser classificada como fundo delimitação, pois a utilização de *hasta que* expressa limite. Há, portanto, cláusulas que refletem uma zona funcional indeterminada, por terem traços de cláusulas figura e de cláusulas fundo, como explicitaremos na análise. Sendo classificada a cláusula em (03) como figura ou como fundo delimitação, interessamos demonstrar que se posiciona após a nuclear, revelando restrições de mobilidade devido à representação icônica dos fatos.

(01) 42 I: *pues fue muy/ muy este/// fue muy difícil/ fue una una una cosa muy difícil/ ahora me da mucha/// como alegría/ pero a la vez/ no sé/ me llama mucho la atención/ **cuando yo era/ era niño/ era un ambiente muy difícil de ahí donde/ donde estábamos//**. (42 I: *pois foi muito/ muito este/// foi muito difícil/ foi uma uma uma coisa muito difícil/ agora me dá muita/// como alegria/ mas ao mesmo tempo/ não sei/ me chama muito a atenção/ **quando eu era/ era criança/ era um ambiente muito difícil aí onde/ onde estábamos//**). (ENTREVISTA 13 – ME-006-32H-97)**

(02) 928 I: *entró alguien cuando estaban hablando*. (928 I: *entrou alguém quando estavam falando*). (ENTREVISTA 61 – ME-144-23H-01)

(03) 291 I: *las vendía vivas/ y entonces <~entós> yo tenía mi chichicuilote³ que allí andaba hasta que se murió*. (291 I: *as vendia vivas/ e então eu tinha meu chichicuilote que ficava por lá até que morreu*). (ENTREVISTA 30 – ME-294-33H-07)

Segundo Freitag (2011), “motivações em competição fazem com que uma mesma forma verbal desempenhe diferentes funções, assim como diferentes funções podem ser desempenhadas por uma mesma forma” (FREITAG, 2011, p. 1121). A autora também ressalta que, quando se estende a variação para além da fonologia, há distintas direções que o pesquisador pode tomar: partir da forma ou da função (FREITAG, 2009). Por isso, destacamos a importância de ampliar esses estudos sobre a ordem, mostrando não apenas as restrições cognitivas dos contextos de variação, mas os casos em que essas mesmas restrições bloqueiam a variação.

Nosso ponto de partida da função para a forma refere-se a uma opção metodológica, pois ambas as perspectivas: da forma para as funções ou da função para as formas, são maneiras legítimas de análise. Talvez uma visão holística, sem primazia direcional fosse o melhor, como a observada por Dubois e Votre (2012):

(...) a proposta de Dubois representa uma nova concepção dinâmica de língua, e nos impede de partir tanto da forma quanto da função, escapando, assim, aos reducionismos clássicos da linguística contemporânea. Ao contrário, numa postura de natureza holística, prefere partir das relações entre formas e funções, sem opção de direcionalidade (...) (DUBOIS; VOTRE, 2012, p. 54).

Do mesmo modo, Tavares (2003) observa que “(...) talvez pudéssemos propor que ambos, função e estrutura, recebessem igual destaque (...). Dessa guisa, o que é defendido como prioritário em cada modelo fonte deixaria de ter tal status e passaria a dividir o reinado com sua ‘contraparte’ (...)” (TAVARES, 2003, p. 132). Apesar de estarmos cientes de todas essas possibilidades, a operacionalização analítica do que aqui propomos nos direciona à função-forma como diretriz metodológica.

Desse modo, orientados pela direção função > forma, questionamos: (i) em que posição uma Temporal pode estar para expressar determinadas funções textual-discursivas? (ii) quais

³ Um tipo de ave.

contextos bloqueiam a variação na ordem e quais permitem mobilidade? (iii) como correlacionar essas restrições cognitivas à iconicidade?

Tendo em vista tais considerações, objetivamos realizar um mapeamento funcional das Cláusulas Temporais, partindo das funções das quais se vale o falante ao mobilizar o mecanismo da ordem das orações, que pode ser, em alguns contextos, variável, e, em outros, fixa. Acreditamos que tais restrições podem estar associadas a fenômenos de natureza cognitiva, que envolvem, principalmente, saliência discursiva, gramaticalização e iconicidade.

Neste trabalho, sob orientação sociofuncionalista, mostraremos, em primeiro lugar, que os modos de articular orações refletem processos cognitivo-discursivos, entre os quais a saliência discursiva, que atende à iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Em seguida, mostraremos que a articulação entre Sociolinguística e Funcionalismo opera com uma ampliação do conceito laboviano clássico de variação (LABOV, 2008[1972]), considerando função discursiva, para, a partir do estreitamento do contexto (LABOV, 1978), separar casos de variação possível e/ou bloqueada. Como as correntes que elegemos implicam que esses fenômenos devem ser observados na língua em uso, analisaremos entrevistas do *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México*, descritas na seção de Metodologia. Na seção de análise, mostraremos cada um desses usos variáveis e categóricos da posição das Temporais, que podem servir à hipotaxe, ao encaixamento e à justaposição. Na sequência, seguem as considerações finais e as referências.

1 Níveis de articulação oracional e relevo discursivo

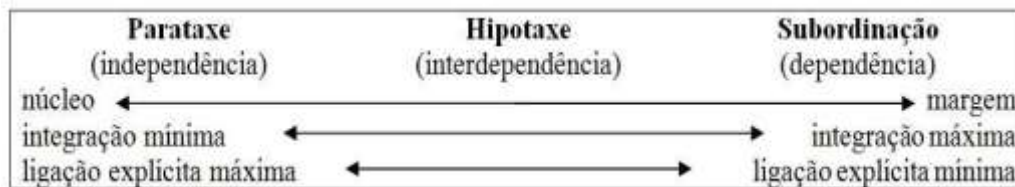
Os estudos funcionalistas em articulação de cláusulas tendem a rechaçar a díade coordenação-subordinação e considerar outras formas de combinação oracional. Entre essas propostas, destacamos a de Hopper; Traugott (2003), cujos postulados podem ser sintetizados nos quadros abaixo:

Quadro 1: *Continuum* da combinação de orações

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Fonte: Hopper; Traugott (2003, p. 178).

Quadro 2: Propriedades gradientes da combinação de orações



Fonte: Hopper; Traugott (2003, p. 179).

A parataxe pressupõe combinação em que as cláusulas apresentam relativa independência entre si, adquirindo, cada uma, contornos nucleares, além de não participarem da estrutura argumental uma da outra. Por outro lado, em polo oposto, encontram-se as sentenças prototipicamente subordinadas, que fazem parte da estrutura argumental de uma oração denominada matriz. No ponto intermediário desse *cline*, acham-se as hipotáticas, que, apesar de não encaixadas à sua nuclear, guardam alguma dependência, em especial, a semântica.

A discussão sobre inter-relacionamento sentencial suscita também investigações ligadas aos planos discursivos da narrativa. Hopper; Thompson (1980) afirmam que os textos apresentam informações mais salientes que outras: enquanto há cláusulas que contribuem ativamente para a sequencialidade das ações (*figura – foreground*), existem porções de texto que acrescentam detalhes ou comentários (*fundo – background*). Nessa proposta, que rediscute a noção de transitividade, os autores a associam ao relevo discursivo, ainda que não categoricamente: as porções *figura* apresentariam maior probabilidade de refletirem mecanismos morfossintáticos associados à alta transitividade (dois ou mais participantes, expressão de ações télicas, pontuais, afirmativas, em modo *realis*, com agente alto em potência, intencional, com objeto totalmente afetado e altamente individuado); enquanto as porções *fundo*, à baixa transitividade (um participante, não ações, não télicas, não pontuais, negativas, em modo *irrealis*, com agente baixo em potência, não intencional, com objeto não afetado e não individuado).

Os autores acrescentam, também, que cláusulas *figura* são ordenadas em sequência temporal, enquanto as cláusulas *fundo* podem ser movidas com maior facilidade. Essa reflexão denota uma restrição cognitiva para bloqueios na variação da ordem das orações em determinados contextos, como veremos adiante.

Por ora, lembramos que essas restrições cognitivas estão diretamente relacionadas à iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Em relação a esse princípio, entre os aspectos que nos interessam de imediato, estão as regras de espaçamento e de sequência. Nas primeiras, o autor

postula que tende a haver proximidade espaço-temporal entre itens conceitualmente integrados (proximidade e relevância) e entre operador funcional e seu operando (proximidade e escopo). Além disso, nas regras de sequência, o pesquisador mostra que a codificação linguística costuma refletir a ordem temporal dos eventos (ordem de ocorrência e ordem reportada) e que as informações mais importantes tendem a ser apresentadas em primeiro lugar (ordem e importância).

2 Ampliando o escopo: a variação discursiva

Desde os trabalhos seminais de William Labov, dedicados a estudos de mudança sonora, defende-se que a língua é um sistema de regras variáveis, heterogêneo, mas ordenado. No sistema linguístico, é possível expressar um mesmo conteúdo com mecanismos formais distintos e alternativos: há expressões com o mesmo significado, ou mesmo valor de verdade (LABOV, 1978).

Nessa visão, não há espaço para variação livre, pelo contrário, a escolha entre uma forma ou outra é condicionada ou restringida por pressões internas e/ou externas ao próprio sistema (LABOV, 2008[1972]). Lavandera (1978) questiona se essas noções, aplicadas inicialmente aos estudos fonético-fonológicos, também se aplicariam a níveis mais altos, como, por exemplo, o da sintaxe e propõe uma ampliação do significado, instigando uma comparabilidade funcional.

Em resposta, Labov (1978) reafirma que o mesmo valor de verdade se mantém em dois enunciados que refletem um mesmo estado de coisas. No mesmo texto, o autor defende que, ao invés de ampliar o significado, o trabalho do sociolinguista é estreitá-lo ainda mais, isolando, após extensa análise de dados, os contextos (i) em que **um mesmo item** apresenta **funções diferentes**, (ii) em que a variação é neutralizada ou (iii) em que a regra é categórica.

Orientados por uma visão sociolinguística, mas também funcionalista, interessamo-nos por esses contextos, já que a fluidez categorial, a polifuncionalidade e os usos categóricos demonstram o contínuo (re) fazer-se do sistema. Devido à iconicidade, seria mais comum haver um isomorfismo entre a contraparte formal e a funcional, contudo Freitag e Gonçalves (2011), retomando Givón (1995), lembram que uma versão branda da iconicidade admite haver falta de transparência entre forma e função, o que dá margem à variação:

Em uma situação real de uso linguístico é preciso admitir a arbitrariedade na codificação linguística, uma vez que a iconicidade do código linguístico está sujeita às pressões que atuam tanto na forma, afetando o código/estrutura, quanto na função, afetando a mensagem: o código sofre constante erosão decorrente de

atrito fonológico, e a mensagem sofre alterações em virtude da elaboração criativa do falante. Tais pressões geram ambiguidade de código (polissemia), com uma forma e várias funções, e de mensagem, várias formas e uma função (variação) (FREITAG; GONÇALVES, 2011, p. 92).

Na análise sociofuncionalista que adotamos, consideramos a extensão da noção de *mesmo significado* para *mesma função* (FREITAG, 2009). Assim, o trabalho do sociofuncionalista pode se centrar tanto em formas com a mesma função como em uma mesma função codificada em várias formas. Embora o termo *função* seja polissêmico, suas acepções apontam para o papel de determinado item no domínio mais amplo da linguagem ou da comunicação (NICHOLS, 1984). Sendo assim, no que tange às Cláusulas Temporais, foco deste estudo, cabe refletir (i) quais funções sintáticas esses elementos exercem, (ii) quais funções pragmáticas imprimem aos enunciados e (iii) quais significados veiculam, além de tempo.

Nosso objetivo, portanto, é realizar um mapeamento funcional das Temporais, verificando exatamente os contextos em que há variação e aqueles em que funções pragmático-discursivas se especializam em determinadas posições da Temporal, apontando para um uso categórico ou permitindo mobilidade posicional. Essa análise atesta a interação entre forças internas e externas ao sistema (DUBOIS, 1985) e “implica o reconhecimento de um componente pragmático que se integra aos demais componentes (sintático e semântico) para organizar a interação” (NEVES, 2013, p. 24).

Para Freitag (2009), o fenômeno da ordem é obrigatório, já que precisa se manifestar. Na direção forma > função, Cavalcante (2015) observou que as posições da Temporal podem ser condicionadas por diversos fatores, entre os quais, a função textual-discursiva: a anteposição é motivada por fundo guia (peso 0.715); a intercalação, por fundo guia (peso 0.609) e figura (peso 0.527); e a posposição, pela função figura (peso 0.588) e fundo avaliativo (uso categórico). Embora apresentem funções pragmáticas diferentes, em todas as Temporais, é comum o valor semântico de tempo, ainda que amalgamado à condição, concessão ou motivo, por exemplo (CAVALCANTE, 2015; 2020), valores que emergem a partir de interpretações plausíveis e/ou contextuais (FORD, 1987).

Além dos estudos que enfocam função pragmática e semântica, há também aqueles que lidam com as funções sintáticas da Temporal, ainda na direção forma > função. Um deles é o de Lima-Hernandes (2004), que distingue Temporais (i) no eixo paratático (estruturação justaposta e estruturação intermediária 1); (ii) no hipotático (finitas e não-finitas) e (iii) no encaixamento

(estruturação intermediária 2: função determinativa e função apositiva; estruturação intermediária 3: função substantiva (subjativa ou objetiva) e função adjetiva (finita ou não-finita)). Essas funções serão exemplificadas ao longo da análise, sempre que se aplicarem.

Já os estudos na direção função > forma carecem, como sugere Labov (1978), de um levantamento prévio de todos os ambientes em que a variação é favorecida. A partir de então, o pesquisador escolhe um mesmo contexto (ou mesma função discursiva) em que as formas variem e dá partida à sua análise. A análise que desenvolveremos propõe-se a fornecer os contextos de usos das Cláusulas Temporais, não só as posições variáveis, mas as fixas, interessando, portanto, tanto a novos estudos sociolinguísticos quanto a estudos funcionalistas. Acompanhando a discussão de Nichols (1984) acerca da polissemia do termo *função*, trataremos não apenas de funções sintáticas, mas também das semânticas e pragmáticas.

Na direção função > forma, propomos partir das funções textual-discursivas, demonstrando a primazia da pragmática na determinação da gramática. Nessa abordagem de interface, que se vale tanto de pressupostos da Sociolinguística como do Funcionalismo norte-americano, podemos recortar as variáveis de modo mais estrito, considerando a mesma função, ou de modo mais amplo, observando formas multifuncionais, ou seja, “diferentes etapas pelas quais as formas variantes passaram ao longo de seus percursos de gramaticalização” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 39).

Entendemos gramaticalização, segundo Hopper; Traugott (2003), como o processo que faz com que itens lexicais adquiram funções gramaticais, e itens gramaticais adquiram funções ainda mais gramaticais. Por meio de processos de base cognitiva, os itens da língua tornam-se mais abstratos em suas funções, refletindo a trajetória *espaço > (tempo) > texto* (TRAUGOTT; HEINE, 1991) ou ainda *corpo > objeto > processo > espaço > tempo > qualificação* (HEINE *et alii*, 1991). Nesse sentido, hipotetizamos que as Cláusulas Temporais podem exercer funções mais abstratas que tempo, servindo a estratégias textual-discursivas e, em alguns casos, qualificar referentes.

A gramaticalização, ou gramaticização, nos termos de Hopper (1991), é regida por princípios, a saber: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Os princípios atuam diretamente na posição da Temporal, uma vez que novas funções textual-discursivas podem emergir, sobrepondo-se às existentes (estratificação e divergência). Essas novas funções podem se fixar em determinada posição (especialização), bloqueando a variação, ou podem manter traços de seu sentido original (persistência). É possível também que, em determinados contextos, as cláusulas de tempo atuem em novas estruturas sintáticas, ficando no limite entre

hipotaxe e encaixamento, ou percam seus traços prototípicos de modificadora verbal e passem a atuar como modificadoras nominais, similarmente às adjetivas (de categorização).

3 Passos metodológicos

Na intenção de descrever e explicar (GIL, 2008) os diversos usos das Temporais, valemos de uma orientação indutiva (RICHARDSON *et al.*, 2012), tendo em vista que as funções descritas neste universo de pesquisa podem ser observadas em recortes maiores da língua em uso.

Nossa seleção conta com a análise de 24 entrevistas do *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México* (CSCM)⁴, estratificadas segundo idade e escolaridade (3 grupos de idade (jovens: 20-34 anos; adultos: 35-54 anos; idosos: maiores de 55 anos) X 2 níveis de escolaridade (alto e médio) X 4 informantes por célula). Apesar de não considerarmos a variável gênero na estratificação, os informantes foram equitativamente distribuídos entre homens e mulheres, segundo a divisão do *corpus*. Esse método de selecionar entrevistas minimiza um enviesamento dos resultados, conforme orientações de Guy; Zilles (2007).

O CSCM considera informantes da Zona Metropolitana da Cidade do México, a partir de um recorte de 11 municípios do Estado do México e das 16 delegações do Distrito Federal, o que corresponde ao que os organizadores denominam Zona Pertinente. Este *corpus* foi escolhido tendo em vista ser um banco de dados atual (1997-2007), extenso (cerca de 1.500.000 palavras) e organizado segundo os parâmetros sociolingüísticos para estudos em língua espanhola. Além disso, permite-nos o acesso integral a cada uma das entrevistas, fator crucial no mapeamento de estruturas Temporais, nem sempre introduzidas por conectores prototípicos.

Durante a leitura das entrevistas, coletamos cláusulas introduzidas ou não por conectores temporais prototípicos, desde que tivessem leitura temporal plausível (FORD, 1987) e saliente. Em seguida, categorizamos cada dado tendo em vista sua posição em relação à nuclear (anteposta, intercalada ou posposta) e sua função textual-discursiva, conforme apresentaremos na seção de análise. A partir de uma análise qualitativa (RICHARDSON *et al.*, 2012), descrevemos e analisamos cada um desses usos, considerando suas regularidades, ordenação variável ou bloqueada pelo contexto.

⁴ Disponível em: https://lef.colmex.mx/corpus_sociolingüistico.html. Acesso em: 21 jul. 2020.

4 Cláusulas Temporais: da função para a forma

Seguindo o pressuposto funcionalista da centralidade da pragmática regendo a codificação linguística, partiremos da descrição e análise de cada uma das funções localizadas nos dados. Como vimos afirmando, nossa visão de função abrange, além dos propósitos de uso (funções pragmáticas), as relações semânticas e sintáticas que as Temporais estabelecem com o contexto em que estão inseridas. Acreditamos, assim como Lima-Hernandes (2004), que cada um desses usos representa estágios diferentes no processo de gramaticalização da noção de tempo. Passaremos, portanto, à apresentação de cada uma dessas funções, explicando que, em muitos dos casos, elas podem coincidir em um mesmo dado.

4.1 Função *fundo guia/orientação*

A função *fundo guia/orientação* possibilita a interpretação de todo o estado de coisas que será expresso na cláusula nuclear (LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; DIK, 1997a, 1997b; DIESEL, 2001; DECAT, 2001). Divide-se em *fundo guia anafórico/retomada* e *fundo guia catafórico*⁵, em uma classificação similar à de Souza (2001), que divide as Temporais em *ponto de incidência* e *ponto de inserção de sujeito novo*. O primeiro grupo retoma elementos mencionados, e o segundo fornece material novo para ser reelaborado na porção seguinte do texto.

As Cláusulas Temporais com função de fundo guia podem servir a distintos padrões de articulação sentencial. De um lado, são cláusulas hipotáticas, na tradicional função de oração circunstancial (SECO, 1996) ou de satélite circunstancial (DIK, 1997b), mas não requeridas por seu núcleo, daí serem interdependentes. Por outro lado, servem à subordinação (encaixamento), uma vez que podem exercer função sintática em relação ao núcleo.

Atuando no âmbito da hipotaxe de realce temporal (HALLIDAY, 1985), essas sentenças, que não necessariamente iniciam uma nova cadeia, apresentam liberdade posicional, variavelmente expressa por meio de anteposição, intercalação pré-verbal ou intercalação intraverbal, mas nunca

⁵ Reconhecemos os estudos que não fazem mais distinção entre anáfora e catáfora. Entretanto, mantemos a distinção no texto, por acreditarmos que movimentos anafóricos e catafóricos no texto implicam estratégias distintas de codificação linguística. Além disso, a menção ao termo *catafórico* está presente em Givón (2001b), uma das principais bases teóricas de nosso estudo.

intercalação pós-verbal⁶ nem posposição, tendo em vista o teor de orientação que veiculam. Em atendimento ao subprincípio de iconicidade ordem e importância (GIVÓN, 1995, 2001a), se uma cláusula apresenta material relevante para a interpretação do que virá a seguir, ela tenderá a ser colocada em primeiro lugar.

Ainda sobre a iconicidade, o princípio de ordem de ocorrência e ordem reportada prevê que ações costumam ser narradas na ordem em que os eventos aconteceram. Por isso, as cláusulas guia costumam expressar anterioridade temporal, como em (04). No entanto, há dados em que esse padrão isomórfico se inverte, e a cláusula guia serve de orientação não para um evento que será narrado, mas funciona como *âncora temporal* (ou ponto de referência, cf. COMRIE, 1990) para situar um evento que já aconteceu, como em (05). Nesse sentido, entendemos que o falante pode usar uma Cláusula Temporal para orientar acontecimentos cronologicamente dispostos ou orientá-los discursivamente, servindo de âncora temporal para um evento passado. Essa direção faz com que o domínio de tempo expresse, mais abstratamente, funções de cunho textual, refletindo a direção *espaço > (tempo) > texto* (TRAUGOTT; HEINE, 1991).

(04) 133 I: fue cuando más estudié/ (risa)// sí/ porque estaba más/ metida en la onda del baile y todo eso/ o sea como que no me metía tanto en la escuela/ y ya **cuando me casé** pues <~pus>/ ya m-/ me dediqué más a la escuela. (133 I: foi quando mais estudei/ (riso)// sim/ porque estava mais/ envolvida na onda da dança e tudo isso/ ou seja como que não me envolvia tanto na escola/ e aí **quando me casei** / já m-/ me dediquei mais à escola). (ENTREVISTA 48 – ME-265-21M-06)

(05) 168 I: (...)// y por cuestiones de trabajo/ nunca/ pude ir/ sabía que iba a ser en un hotel por el sur de la/ el sur de la ciudad y todo pero/ hasta ahí// y ya **cuando me soltó el trabajo**/ ya se había acabado la/ el simposium famoso y yo nunca fui/ (...). (168 I: (...)// e por questões de trabalho/ nunca/ pude ir/ sabia que ia ser em um hotel pelo sul da/ o sul da cidade e tudo mas/ até aí// e aí **quando o trabalho me liberou**/ já havia acabado a/ o simpósio famoso e eu nunca fui/ (...)). (ENTREVISTA 19 – ME-055-32M-99)

No âmbito da subordinação (ou encaixamento), as cláusulas guia também podem atuar como um argumento dentro do complexo oracional em que se inserem. Tal é o caso das Temporais com função sintática de sujeito:

(06) 208 I: sí pero eso eso yo lo/ yo me he dado cuenta mucho que **cuando llueve**
209 E: ajá

⁶ Os conceitos de intercalação pré-verbal, intraverbal e pós-verbal são sugeridos por Cavalcante (2020).

210 I: *cuando llueve bastante*

211 E: sí sí sí

212 I: *es cuando sale el hongo/ (...)*. (208 I: sim mas isso isso eu o/ eu me dei conta que *quando chove*

209 E: aham

210 I: *quando chove bastante*

211 E: sim sim sim

212 I: *é quando aparece o fungo/ (...)*. (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

Entre as cláusulas guia, há também aquelas que necessariamente iniciam nova cadeia, geralmente em início absoluto de texto, e que, por esse mesmo motivo, não são guarnecidas por material linguístico anterior. Desse modo, apresentam informações totalmente novas no discurso ou evocadas situacionalmente (PRINCE, 1992), como a menção aos participantes da conversação. Esses dados podem aparecer em gêneros narrativos e são muito comuns em *memes quando* (CAVALCANTE; RODRIGUES, 2018). Não foram localizados em nosso recorte, tendo em vista que, em uma entrevista, o informante toma a palavra apenas depois da pergunta de seu inquiridor.

4.2 Função *ponte de transição*

A função *ponte de transição* (GIVÓN, 2001b; DECAT, 2001) cumpre propósitos similares à de guia, mas não se confunde com ela, distinguindo-se, em nossa proposta, pelo fato de apresentar algum tipo de informação anafórica e catafórica ao mesmo tempo. Além disso, necessariamente inicia cadeia⁷, o que não é marca comum a todas as cláusulas guia, que podem ou não iniciar complexos oracionais. No dado a seguir, a cláusula Temporal *desde que me levanto* funciona como ponte de transição, retomando a pergunta do entrevistador e apresentando as informações novas sobre sua própria rotina diária. Essas cláusulas apresentam posição fixa à margem esquerda do complexo sentencial, como visto em (07):

(07) 75 E: [¿qué hace?]/ un día de trabajo/ cuénteme/ desde que se levante

76 I: *bueno desde que me levanto/ pues <~pus> me levanto me/ empiezo a arreglar/ a vestirme/ a pintarme/ mm/ bueno/ lo na-/ lo/ normal de una mujer cuando va a salir/ ¿verdad <~veá>? (...)*. (75

E: [o que você faz?]/ um dia de trabalho/ conte-me/ desde que se levante

⁷ Inicia cadeia precedida por pausa longa, ponto ou por um marcador discursivo, segundo os tipos descritos em Poblete Bennett (1997).

76 I: *bem desde que me levanto/ pois me levanto me/ começo a arrumar/ a me vestir/ a me pintar/ hum/ bem/ o na-/ o/ normal de uma mulher quando vai sair/ não é? (...)*. (ENTREVISTA 91 – ME-129-12M-01)

4.3 Função *fundo moldura*

De todos os usos, a função *fundo moldura* é a que apresenta maior possibilidade de variação na posição das Temporais, já que pode ser codificada como cláusula anteposta, intercalada ou posposta, diferentes camadas na expressão dessa função (HOPPER, 1991). Quando anteposta, sua diferença das cláusulas *guia* e *ponte de transição* reside na relação cronológico-temporal, já que “apresenta eventos cotemporais aos narrados na nuclear” (CAVALCANTE, 2020, p. 50), expressando simultaneidade temporal. Atuando nos domínios da hipotaxe, apresenta ordem livre, porque emoldura os eventos da principal, como em (08):

(08) 41 I: (...) duramos diecinueve años/ y *los diecinueve años que vivimos juntos*⁸ yo trabajé. (41 I: (...) duramos dezanove anos/ e *os dezanove anos que vivemos juntos eu trabalhei*). (ENTREVISTA 108 – ME-313-13M-07)

No grupo das cláusulas moldura de combinação paratática, incluímos as temporais iniciadas pelo verbo *hacer* (como a ilustrada em (09)) e as reduzidas (como a ilustrada em (10)), como exemplos de adverbial justaposta (DI TULLIO, 1997). Essas cláusulas apresentam mobilidade posicional e situam o momento dos eventos da nuclear:

(09) 134 I: mi mamá se/ mi hermana consiguió otro departamento ¡bien viejo!/ en Isabel la Católica y Alva Ixtlilxóchitl/ que es una maravilla también/ un edificio muy viejito/ y este/ y ya ahí está mi mamá/ con mi hermano el más chiquito que/ al pobre/ le tocó// este/ mi mamá se enfermó/ *le dio Alzheimer/ hace como seis años*/ [una cosa así]. (134 I: minha mãe se/ minha irmã conseguiu outro apartamento bem velho!/ em *Isabel la Católica y Alva Ixtlilxóchitl/ que é uma maravilha também/ um edifício muito velhinho/ e/ e então aí está minha mãe/ com meu irmão o mais novo que/ ao pobre/ lhe restou// é/ minha mãe adoeceu/ teve Alzheimer/ faz cerca de seis anos*/ [uma coisa assim]). (ENTREVISTA 13 – ME-006-32H-97)

(10) 957 I: antes habían dos cuartitos (sic)/ *forzosamente tú a la hora de comer*⁹ te reunías con/ *platicabas con tus papás*/ ahora ya no (957 I: antes haviam dois quatinhos (sic)/ *forçosamente você*

⁸ Estamos cientes da possibilidade de analisar a cláusula “que vivimos juntos” como adjetiva. No entanto, consideramos, assim como Lima-Hernandes (2004), a reanálise de estruturas que, pela integração de suas partes, conduzem à noção de tempo.

na hora de comer se reunia com/ falava com seus pais/ agora já não). (ENTREVISTA 90 – ME-312-12H-07)

Em ambos os dados, as cláusulas “hace como seis años” e “a la hora de comer” especificam o momento das ações que se seguem, em relação de cotemporalidade. Embora não introduzidas por nexos conjuntivos, resguardam a noção de temporalidade e apresentam caráter dêitico de localização temporal (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999).

4.4 Função *fundo avaliativo*

A função *fundo avaliativo* é facilitadora de maior imersão subjetiva por parte do falante e cumpre diversos propósitos comunicativos: realçar, avaliar, acrescentar informações (como adendo, cf. CHAFE, 1984) etc. Do ponto de vista sintático, sua codificação especializou-se na posposição da Cláusula Temporal, como em (11):

(11) 238 I: *y ocasionalmente a veces/ si el carro era grande/ pues <~pus>/ es decirun Cordoba (sic) un/ un Galaxie <~gálaxi> de estos/ de los/ carros grandes/ pues el chofer metía también otros tres adelante/ y más cuando eran chamacas/ ¿no?// sí* (238 I: *e ocasionalmente às vezes/ se o carro era grande/ pois/ quero dizer um Cordoba (sic) um/ um Galaxie destes/ dos/ carros grandes/ pois o motorista colocava também outros três adiante/ e mais quando eram meninas/ não?// sim*). (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97)

No exemplo apresentado, o valor avaliativo emerge a partir de um acréscimo de informação: o fato de que o motorista colocava mais pessoas no carro, especialmente quando se tratava de moças. Tal adendo avalia a postura do condutor do veículo, que favorecia as mulheres.

Outro tipo de avaliação está atrelado, quanto à semântica, à relação híbrida de tempo e concessão (DECAT, 2001). No dado a seguir, a cláusula *quando se debería dar* marca a opinião do falante acerca dos conteúdos não ministrados na escola, avaliação reforçada pelo uso de *desde mi punto de vista*:

(12) 741 I: (...) *porque/ extrañamente en esta escuela/ no se da historia del arte// ni se da estética/ ni se da historia de la danza// cuando se debería dar/ desde mi punto de vista//* (741 I: (...) *porque/ estranhamente nesta escola/ não se dá história da arte// nem se dá estética/ nem se dá história da*

⁹ Embora o elemento “de comer” possa ser analisado como cláusula completiva em relação ao termo “hora”, atribuímos a todo o conjunto uma noção temporal, pelos motivos expostos na nota 8.

dança// quando se deveria dar/ desde o meu ponto de vista//). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

Sob a ótica da iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), as cláusulas de valor avaliativo são apresentadas apenas após as nuclear, já que um fato precisa ser narrado antes de ser avaliado, o que explica o uso categórico da posição da Temporal posposta nessa função. Segundo nossa análise, constitui um exemplo de especialização de função discursiva (HOPPER, 1991).

4.5 Função *fundo finalidade*

As relações de tempo não poucas vezes se associam a outras relações semânticas (DECAT, 2001; CAVALCANTE, 2015; 2020), a partir de leituras plausíveis e/ou contextuais (FORD, 1987). Além do valor de concessão já mencionado, essas cláusulas também podem expressar uma finalidade, “representam, pois, o objetivo, a meta que pode ser alcançada” (MARCHON, 2017, p. 143), marcada tipicamente pela presença da preposição *para* (13), mas nem sempre (14):

(13) 57 I: (...) “y te vienes pronto porque tu marido va a llegar y necesita <~necita> de comer/ así que <que:> rápido/ vete a trabajar y regresas para que hagas la comida **para** <~pa> **cuando tu marido ya esté/ llegue/ ya está la comida**”/ (57 I: (...) “e vem logo porque teu marido vai chegar e precisa comer/ por isso rápido/ vai trabalhar e volta para que faça a comida **para quando teu marido esteja/ chegue/ aí está a comida**”). (ENTREVISTA 108 – ME-313-13M-07)

(14) 486 I: no// *yo tengo las llaves/ cuando quieras*. (486 I: não// *eu tenho as chaves/ quando você quiser*). (ENTREVISTA 67 – ME-198-23M-01)

No dado (13), o valor de finalidade é confirmado, inclusive, pela coocorrência de outra cláusula, *para que hagas la comida*, prototipicamente final. Em (14), o valor de finalidade emerge, mesmo sem a preposição *para*, possibilidade apresentada em Seco (1996). A relação entre esses valores semânticos pode fazer com que as Cláusulas Temporais com essa função tenham a posposição como ordem prototípica, assim como as finais (MARCHON, 2017), já que, iconicamente, é mais comum apresentar uma ação e, em seguida, sua finalidade. Nesse embate entre o valor icônico de finalidade, que tende à posposição, a maior liberdade posicional da Temporal pode motivar anteposição, ainda que não comumente, mostrando que traços da nuance temporal ainda são persistentes (HOPPER, 1991):

(15) 224 I: (...) porque sí pues/ si veo y veo que va tejiendo/ me la acerco/ y trato de platicar con ella/ y sacar lo más/ que pueda de información/ o/ o que me conozca **para cuando llegue ahí/ pues** <~pus> *no me vean tan feo//*. (224 I: (...) porque sim/ se vejo e vejo que está tecendo/ me aproximado dela/ e começo a conversar com ela/ e tirar o máximo/ que possa de informação/ ou/ ou que me conheça **para quando chegue aí/ não me vejam tão feio//**). (ENTREVISTA 18 – ME-257-32H-05)

4.6 Função *fundo comparativo-modal*

Segundo Gili Gaya (2000), o advérbio relativo *como* (SECO, 1996) pode se unir à conjunção condicional *si* (se) dando origem a uma estrutura de valor intermediário modal-condicional. O mesmo autor ressalta que as orações modais são uma subparte das comparativas, que podem se referir à qualidade ou à quantidade de determinado conceito. No *corpus*, localizamos dados em que a partícula *como*, vinculada ao *cuando*, introduz uma cláusula Temporal com valor comparativo/modal:

(16) 428 I: (...) y entonces/ tres años después yo ya fue/ no/ no quise meter gente mía// me fui alejando/ yo llevaba todo lo/ académico/ llevaba todos los papás/ llevaba todos los alumnos/ y mi socia nomás llevaba la lana/ y entonces <~tonces>/ llega un momento que dices/ “de veras/ hasta aquí”/ pero tuvo que pasar lo de mi hija para <~pa> que me diera cuenta/ porque yo estaba embobada trabajando/ como loca// y **como/ cuando trabajas por gusto/ como que no se/ fija uno en estas cosas alrededor/ [¿no?]**. (428 I: (...) e então/ três anos depois eu fui/ não/ não quis colocar gente minha// me fui distanciando/ eu levava toda a parte acadêmica/ levava todos os pais/ levava todos os alunos/ e minha sócia apenas levava a grana/ e então/ chega um momento que você diz/ “de verdade/ até aqui”/ mas teve que acontecer o que aconteceu com a minha filha para que eu me desse conta/ porque eu estava abobalhada trabalhando/ como louca// e **como/ quando você trabalha por gosto/ como que a pessoa não se/ fixa nestas coisas arredor/ [não?]**). (ENTREVISTA 31 – ME-220-33M-02)

(17) 222 I: (risa) por eso es <~es:> malo el matrimonio de/ de chavos y de bueno yo ya no estaba tan chavo no pero/ ella sí estaba/ digamos ya <~ya:> yo pienso ¿no?/ que ya como en una mujer/ ya se independiza tantito

223 E: mh

224 I: ya no se atiende al hombre/ y es **como cuando vuela** digamos ya/ ya se desplaya ya es más sociable y todo eso/ es cuando ya no decide de tener ma-/ ni marido. (222 I: (risos) por isso é ruim o casamento de/ de pessoas muito jovens e de bem eu já não estava tão jovem não mas/ ela sim estava/ digamos eu penso não?/ que como uma mulher/ fica um pouquinho independente

223 E: hum

224 I: já não serve o homem/ e é **como quando voa** digamos/ se move é mais sociável e tudo isso/ é quando já decide não ter ma-/ nem marido). (ENTREVISTA 73 – ME-258-11H-05)

Em (16), a comparação modal é feita com base na ideia de que a informante, trabalhando, desligou-se das coisas ao seu redor do mesmo modo que as demais pessoas fazem quando trabalham por gosto. Nesse caso, a comparação não é feita simplesmente “de pessoa a pessoa”, mas de um determinado momento na vida dessas pessoas, quando estão satisfeitas com seu trabalho, por isso a forma de uma Temporal. Já no dado (17), a comparação é feita com base metafórica, pois se refere ao momento em que alguém “voa”, similarmente aos pássaros, o que aponta para liberdade. Podemos observar, então, que, além de comparar qualidades e quantidades, podemos tomar como marco comparativo o modo como algo acontece/aconteceu ao longo da linha temporal. A mobilidade posicional da Temporal no dado (16) parece ser mais possível que em (17), por ser a temporal-comparativa antecedida por “es”, dando-lhe traço da função *fundo identificativo*, que veremos adiante.

4.7 Função *fundo delimitação*

As Temporais com função de *fundo delimitação* informam o ponto inicial ou final de uma ação (MATTE BON, 1992a; GARCIA FERNÁNDEZ, 1999) e são introduzidas pelos elementos *desde que* e *hasta que* analisados como conectores (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999). No caso das introduzidas por *hasta que*, as ações são narradas iconicamente de seu início até seu final, o que motiva essas cláusulas a posicionarem-se categoricamente após a nuclear, como em (18). Já as Temporais com *desde que*, como a apresentada em (19), introduzem o ponto de partida da ação, mas não seu ponto final e, portanto, têm liberdade posicional, funcionando também como moldura temporal.

(18) 355 I: (...) yo dije/ “no/ estos están locos// ¿cómo crees?/ tres punto cinco/ ¡en mi vida! yo he sacado una calificación de esas”// *lloré hasta que me cansé*/ y al siguiente año dije/ “ya me preparé/ ya estudié más/ y ahora sí la voy a hacer”//. (355 I: (...) eu disse/ “não/ estes estão loucos// o que achas?/ três ponto cinco/ em minha vida! eu tirei uma nota dessas”// *chorei até que me cansei*/ e no ano seguinte disse/ “já me preparei/ já estudei mais/ e agora sim vou fazê-la”//). (ENTREVISTA 55 – ME-110-22M-00)

(19) 656 I: (...) yo vivo en colonia del Valle *desde que me casé*. (656 I: (...) eu vivo em colonia del Valle *desde que me casei*). (ENTREVISTA 31 – ME-220-33M-02)

Quando apresentam tanto o ponto de início como de término de uma situação (MATTE BON, 1992a), essas estruturas ganham maior mobilidade, como é o caso da correlação *desde...hasta*, representada em (20), funcionando como uma espécie de moldura para situar os eventos da nuclear:

(20) 39 I: (...) *y ahí estuve yo desde que ella <~ella:>/ enfermó/ hasta que falleció*. (39 I: (...) *e aí estive eu desde que ela/ adoeceu/ até que faleceu*). (ENTREVISTA 108 – ME-313-13M-07)

4.8 Função *fundo completivo*

As Temporais em função de *fundo completivo*, servindo ao encaixamento, introduzem a complementação de uma informação, ou projeção (HALLIDAY, 1985), não só no âmbito sintático, como também no pragmático. Essas cláusulas poderiam facilmente integrar o grupo das orações complementares circunstanciais, de Gili Gaya (2000), já que o autor explica que as completivas circunstanciais têm sentido próximo ao das adverbiais, ao ponto de ser difícil estabelecer uma divisão rígida entre elas. Por isso, Lima-Hernandes (2004) atribui-lhes uma interpretação ambígua: “ao mesmo tempo em que admitem uma classificação de oração-complemento, podem perfeitamente admitir uma classificação de oração-satélite” (LIMA-HERNANDES, 2004, p. 189). Nesse sentido, podem sofrer decategorização (HOPPER, 1991), já que podem ser analisadas como substantivas e não mais como adverbiais, segundo a classificação tradicional. Essas Temporais completam a informação requerida por um elemento transitivo, como em (21) e (22):

(21) 228 I: *yo siempre pensaba/ no pues <~pus>/ cuando me-/ yo me voy a casar con un viejito/ siempre pensaba eso*. (228 I: *eu sempre pensava/ quando me-/ eu vou me casar com um velhinho/ sempre pensava isso*). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

(22) 177 I: (...) *avísame cuándo// no <~no:> pues <~pus> háblame por teléfono o mándame una carta y dime/ cuándo te vas y todo para <~pa> que yo me// esté prevenido*. (177 I: (...) *me avisa quando// me liga ou me manda uma carta e me diz/ quando você vai e tudo para que eu me// esteja prevenido*). (ENTREVISTA 37 – ME-049-21H-99)

Nas ocorrências apresentadas, as cláusulas *quando me voy a casar con un viejito* e *cuándo te vas* não emolduram o momento de pensar ou de dizer, mas são o próprio conteúdo inerente ao que é pensado e ao que é dito, respectivamente. Tal análise se confirma pela presença do pronome *eso* no exemplo (21), ocupando o lugar de complemento que, na cláusula complexa anterior, foi

preenchido por uma Temporal. Sendo movidas à posição pré-verbal, perderiam seu traço de complemento e seriam identificadas como modificadoras verbais. Daí sua posição tipicamente pós-verbal.

4.9 Função *fundo identificativo*

Na função *fundo identificativo*, incluem-se os casos de verbo *ser* acoplados a uma oração temporal, em que esta última se identifica (RAE, 2010) temporalmente com um termo anterior:

(23) 44 I: [*en mil novecientos seten-*]/ *en mil novecientos setenta y cinco/ fue **cuando compramos***.
(44 I: [*em mil novecentos e seten-*]/ *em mil novecentos e setenta e cinco/ foi **quando compramos***).
(ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97)

(24) 356 I: *y ya/ posteriormente sí/ sí ya del ochenta para acá/ es **cuando se ha desatado la ola de violencia!** y// o sea// ah// ¿de robo!/ y de crimen/ ¿no?* (356 I: *e aí/ posteriormente sim/ sim então de oitenta para cá/ é **quando se desencadeou a onda de violência!** e// ou seja// ah// de roubo!/ e de crime/ não?*). (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97)

(25) 212 I: *los guisados se guisan de un día <antes>/ ayer guisamos/ ahora lo usamos/ mañana hay que guisar de nuevo/ **mañana viernes es cuando guisamos sopas y todo eso**/ y luego mañana viene luego mucha gente/ mañana.* (212 I: *os ensopados são cozidos um dia <antes>/ ontem cozinhamos/ agora o usamos/ amanhã devemos cozinhar de novo/ **amanhã sexta é quando cozinhamos sopas e tudo isso**/ e depois amanhã vem depois muita gente/ amanhã*). (ENTREVISTA 103 – ME-050-13M-99)

Essas cláusulas seriam classificadas tradicionalmente como orações atributivas (SECO, 1996; GILY GAYA, 2000) e, por seu caráter completivo, atuam no âmbito do encaixamento, como parte de um predicado nominal. Nos casos apresentados, a cláusula de tempo apresenta uma relação de identidade (SILVA, 2014) ou semelhança (NEVES, 2000) com o elemento anterior, sempre associado a uma carga semântica temporal. Por isso, seu uso categórico como cláusula posposta é uma consequência inevitável. Estando anteposta, confundir-se-ia com uma Temporal subjetiva, como no exemplo (06), retomado aqui.

(06) 208 I: *sí pero eso eso yo lo/ yo me he dado cuenta mucho que **cuando llueve***
209 E: *ajá*
210 I: ***cuando llueve bastante***
211 E: *sí sí sí*

212 I: *es cuando sale el hongo/ (...)*. (208 I: sim mas isso isso eu o/ eu me dei conta que **quando chove**)

209 E: aham

210 I: **quando chove bastante**

211 E: sim sim sim

212 I: *é quando aparece o fungo/ (...)*. (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

4.10 Função *fundo especificador nominal*

De acordo com Gili Gaya (2000), há orações que estão em um limite fronteiro entre função adjetiva e função adverbial, rumo à decategorização (HOPPER, 1991): trata-se das cláusulas introduzidas por advérbios relativos, entre os quais se insere o *cuando*. Segundo Seco (1996), os advérbios relativos fazem referência a um antecedente nominal, em função especificativa ou explicativa (MATTE BON, 1992a; GILI GAYA, 2000). Nessa função, a nuance de tempo se abstratiza e reflete qualificação, validando o percurso *corpo > objeto > processo > espaço > tempo > qualificação* (HEINE *et alii*, 1991). Lima-Hernandes (2004), então, distingue dois grupos de cláusulas de tempo com esse valor, as determinativas e as apositivas, porém as insere nas relações de encaixamento. No entanto, acreditamos que se trata de dois tipos de relação, hipotaxe (26 e 27) e encaixamento (28):

(26) 220 E: no además a qué hora ves a tus hijos [¿no?]

221 I: [y luego] voy a descuidar más a mis hijos y todo y digo “ay no”/ y así al menos en la mañana les hago de comer/ y ya les di de comer o de almorzar lo que sea/ y ya *en la noche cuando llegan ellos ya comen otra vez porque van en la tarde*. (220 E: não além disso que horas você vê seus filhos [não?])

221 I: [e logo] vou descuidar mais dos meus filhos e tudo e digo “ai não”/ e assim ao menos de manhã faço algo para eles comerem/ e então dei comida ou almoço a eles o que seja/ e *então à noite quando eles chegam já comem outra vez porque vão à tarde*. (ENTREVISTA 96 – ME-308-12M-07)

(27) 65 I: entonces él armó un grupo infantil/ eh comenzaron a ir los hermanos// y las hermanas/ de los chicos del grupo/ mis hermanas/ pues <~pus> estaban en el grupo/ y yo estaba en el infantil/ y tenía funciones/ todo lo que era el mes de septiembre/ como todos los grupos de todos lados/ *en el mes de septiembre/ que es el mes patrio/ cuando todo mundo saca sus banderitas/ y se vuelve/ muy nacionalista/ pues nos invitaban*. (65 I: então ele montou um grupo infantil/ é começaram a ir os irmãos// e as irmãs/ das crianças do grupo/ minhas irmãs/ pois estavam no grupo/ e eu estava no infantil/ e tinha funções/ tudo o que era o mês de setembro/ como todos os grupos de todos os lados/ *no mês de setembro/ que é o mês pátrio/ quando todo mundo saca suas bandeirinhas/ e se torna/ muito nacionalista/ nos convidavam*). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

(28) 75 E: [¿qué hace?]/ un día de trabajo/ cuénteme/ desde que se levante
76 I: bueno desde que me levanto/ pues <~pus> me levanto me/ empiezo a arreglar/ a vestirme/ a pintarme/ mm/ bueno/ lo na-/ lo/ normal de una mujer **cuando va a salir**/ ¿verdad <~veá>? (...).
(75 E: [o que você faz?]/ um dia de trabalho/ conte-me/ desde que se levanta
76 I: bem desde que me levanto/ pois me levanto me/ começo a arrumar/ a me vestir/ a me pintar/ huum/ bem/ o na-/ o/ normal de uma mulher **quando vai sair**/ não é? (...)). (ENTREVISTA 91 – ME-129-12M-01)

As estruturas hipotáticas em (26) e (27) guardam uma identidade funcional em relação ao elemento que escopam, fornecendo “uma caracterização adicional ao elemento anterior de modo a reformulá-lo, especificá-lo em mais detalhes, comentá-lo” (NOGUEIRA, 1999, p. 51). Nesse sentido, as cláusulas *cuando llegan ellos* e *cuando todo mundo saca sus banderitas/ y se vuelve muy nacionalista* expandem (HALLIDAY, 1985) o sentido dos termos *en la noche* e *el mes patrio*. Já em (28), a cláusula *cuando va a salir* identifica, distingue, seleciona um grupo específico (MATTE BON, 1992a) de mulheres: as que vão sair.

Considerando esses dois grupos de cláusulas, ao utilizarmos a terminologia *fundo especificador nominal*, queremos apontar para duas nuances do termo *especificador*: (i) tornar um termo mais específico (ou detalhado), expandindo seu significado ou (ii) torná-lo mais específico, restringindo-lhe o significado, distinguindo-o de outro grupo dentro da mesma categoria.

Quanto à iconicidade, Givón (1995, 2001a) prevê que elementos em contiguidade espacial também estão, de algum modo, relacionados cognitivamente. Em (26), por exemplo, a proximidade da Temporal com *en la noche* e *comen* ainda produz ambiguidade se a modificação é nominal ou verbal, pela persistência (HOPPER, 1991) de traços de modificador verbal. No entanto, a integração nominal chega a ser tão forte que há casos em que se torna difícil a identificação de uma cláusula nuclear, como em (28). Ainda no que se refere à iconicidade, atuando como modificadoras nominais, as Temporais especificadoras de nome tendem à posposição ao nome que escopam, motivação que constitui bloqueio à variação posicional.

4.11 Função *fundo reparo/reformulação*

No uso das Temporais, é possível que encontremos casos em que o falante marca linguisticamente a construção de seu discurso. Nesses casos, é possível perceber o processo de construção textual, a escolha dos elementos linguísticos e suas possíveis retificações:

(29) 492 I: (...) *porque cuando eres chic-/ cuando eres joven/ tus hi- tus niños/ no los puedes tratar/ como los trato a los nietos/ porque estás ocupada/ porque trabajas/ (...)*. (492 I: (...) *porque cuando és menin-/ quando és jovem/ teus fi- tuas crianças/ não podes tratá-los/ como trato os netos/ porque estás ocupada/ porque trabalhas/ (...)*). (ENTREVISTA 31 – ME-220-33M-02)

Na descrição dessas cláusulas, destacamos a função de *reparo*, sugerida em Decat (2001). Nos dados apresentados, embora a forma não seja a mesma, mantém-se a mesma inferência semântica, nos termos de Decat (2001). Em (29), por exemplo, embora o conceito de “pessoa jovem” esteja presente em *chico/chica*, talvez a informante tenha preferido *reparar* sua sentença com o uso de *joven*, para afastar o traço semântico de “criança, menino/a”. Como as funções apresentadas no texto não são excludentes, a função *reparo* é acessória às outras, por isso, não podemos descartar que a Temporal em (29) funcione como *moldura*, pelos critérios já discutidos, entre os quais a relação de simultaneidade.

4.12 Função *figura*

As Temporais *figura* são apresentadas em trabalhos como o de García Fernández (1999), Souza (2006) e Cavalcante (2015, 2020). Segundo Cavalcante (2020), suas características são:

perfectividade, enquanto há imperfectividade na nuclear. Apresenta eventos dinâmicos, principais, indispensáveis à narrativa, **tende** a refletir ordenação icônica e se pospor à principal, o que vale para as pospostas e para as intercaladas não prototípicas pós-verbais. Pode ser anteposta, posposta ou intercalada não prototípica pré-verbal/pós-verbal e não refletir ordenação icônica, desde que sejam resguardados os critérios de perfectividade e de dinamicidade do evento apresentado (CAVALCANTE, 2020, p. 50).

Como este trabalho atenta para a variação posicional, acreditamos haver duas diferentes manifestações de cláusulas *figura*: aquelas que podem se mover como um satélite temporal (DIK, 1997b), como em (30), e as que têm sua ordem bloqueada devido à iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), como em (31, 32 e 33).

(30) 177 I: (...) *me dijo/ que si/ que le hablara por teléfono/ y que si no no perdía nada// y ya fui a hablar con él/ y precisamente en ese momen-/ precisamente cuando lo fui a ver// estaba un joven/ bueno/ otro chavo que// (...)*. (177 I: (...) *me disse/ que se/ que falasse com ele ao telefone/ e que se*

não não perdia nada// e então fui falar com ele/ e *precisamente nesse momen-/ precisamente quando fui vê-lo// estava um jovem/ bem/ outro rapaz que// (...)*. (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

(31) 427 I: (...) “yo por supuesto pedí Ciudad Universitaria/ este/ la carrera que quise/ la facultad que quise/ yo no sé por-/ si había poca o mucha demanda/ no/ no tengo la menor idea/ *la verdad es que cuando me llegó mi carta/ yo estaba feliz/ porque iba a ser universitaria/ ¿no?*”. (427 I: (...)) “eu claro pedi *Ciudad Universitaria/ é/ a carreira que quis/ a facultade que quis/ eu não sei por-/ se havia pouca ou muita demanda/ não/ não tenho a menor ideia/ a verdade é que quando chegou minha carta/ eu estava feliz/ porque ia ser universitária/ não?*”. (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

(32) 90 I: (...) voy saliendo y veo todo/ los edificios caídos/ unos edificios a la vuelta/ el Hospital General que se cayó/ y este/ y fue bien curioso porque fue exactamente el momento/ *yo ya estaba listo para salir cuando// cuando// se vino el terremoto/ entonces/ yo ya estaba listo/ salí/ y me tocó ver ¡todavía el polvo!*. (90 I: (...)) vou saindo e vejo tudo/ os edifícios caídos/ uns edifícios ao redor/ o *Hospital Geral* que caiu/ e aí/ e foi bem curioso porque foi exatamente o momento/ *eu já estava pronto para sair quando// quando// veio o terremoto/ então/ eu já estava pronto/ saí/ e ainda vi o pó!*). (ENTREVISTA 13 – ME-006-32H-97)

(33) 177 I: y fue una <~una:>/ etapa muy <~muy:>/ agradable/ muy bonita porque <~porque:>/ conocí otra forma de/ ¡relación con los alumnos!// eh// tomé algunos cursos de/ ¡didáctica!// ¡cambié!// mi visión de la enseñanza también/ ¿no?// ¡y de la relación maestro alumno!// y allí estaba yo muy feliz/ *cuando <~cuando:>/ una tarde me llaman por teléfono// y me dicen que se va <~va:>/ ¡a inaugurar una nueva universidad pública!*/. (177 I: e foi uma/ etapa muito/ agradável/ muito bonita porque/ conheci outra forma de/ relação com os alunos!// é// fiz alguns cursos de/ didática!// mudei!// minha visão do ensino também/ não?// e da relação professor aluno!// e ali estava eu muito feliz/ *quando/ uma tarde me ligam// e me dizem que se vai inaugurar uma nova universidade pública!*/. (ENTREVISTA 36 – ME-264-33M-05)

A cláusula *figura* em (30) está anteposta à sua nuclear; ao ser narrada em primeiro lugar, contribui para a progressão da narrativa, em consonância ao princípio de ordem e importância (GIVÓN, 1995, 2001a). No exemplo (31), a temporal anteposta *cuando me llegó mi carta* desencadeia um efeito de felicidade na informante, em cuja euforia usou o verbo *estaba* quando o contexto valida a inferência de que ela *ficou feliz* quando recebeu a carta de aprovação da universidade. A relação icônica de causa-efeito, portanto, bloqueia a variação posicional.

Nos exemplos (32) e (33), de temporais pospostas, a variação também é bloqueada, pois as orações são narradas na ordem em que os fatos aconteceram, atendendo ao princípio icônico de ordem de ocorrência e ordem reportada (GIVÓN, 1995, 2001a). Para García Fernández (1999), essas cláusulas-figura fazem o discurso avançar, inserindo-se no marco temporal da nuclear, não o situando, como as temporais prototípicas fazem. Esse valor narrativo também é destacado por

Souza (2006), acrescido de efeitos discursivos: trata-se de “um recurso de que o enunciador lança mão para imprimir impacto à narrativa e, com isso, provocar reações no leitor, prendendo sua atenção ou surpreendendo-o” (SOUZA, 2006, p. 1419).

5 Considerações finais

Este trabalho propôs-se a discutir como restrições cognitivas podem ser incorporadas às análises variacionistas, a fim de que possamos ampliar a compreensão sobre fenômenos em variação/mudança. Por meio da atuação da gramaticalização, de pressões icônicas sobre o processamento linguístico e de noções cognitivas, como plano discursivo e saliência perceptual, mostramos que a variação tem seu correlato cognitivo.

Em orientação sociofuncionalista, operamos com um alargamento do conceito clássico de variante (LABOV, 2008[1972]), de mesmo estado de coisas para comparabilidade funcional (LAVANDERA, 1978). Como sustenta Labov (1978), o trabalho clássico em Sociolinguística deve estreitar ainda mais o contexto, observando os que facilitam a variação. Tais estudos, como sugere o autor, pressupõem um levantamento prévio dos contextos de uso dos elementos analisados, e, por meio de interface teórica entre a Sociolinguística e o Funcionalismo, podemos justamente analisar todos esses contextos, considerando o percurso de gramaticalização (HEINE *et alii*, 1991; HOPPER, 1991; TRAUGOTT; HEINE, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003) das formas. Nessa interface, é possível partir da direção forma > função ou função > forma (FREITAG, 2009, 2011), como a que fizemos neste trabalho.

Por meio da análise de 24 entrevistas do *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México*, o que nos possibilitou o acesso a 783 dados, localizamos 12 funções para as cláusulas temporais: fundo guia/orientação, ponte de transição, fundo moldura, fundo avaliativo, fundo finalidade, fundo comparativo-modal, fundo delimitação, fundo completo, fundo identificativo, fundo especificador nominal, fundo reparo/reformulação e figura. Essas funções mostram que as Temporais atuam não só na hipotaxe, mas servem ao encaixamento e à parataxe, como havia sinalizado Lima-Hernandes (2004). O trabalho com os dados mostrou que a posposição é lugar propício para especialização (HOPPER, 1991) de funções como a de avaliação e especificação nominal, por exemplo, já que refletem iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), o que bloqueia a variação. Além disso, percebemos

que o domínio de tempo pode se tornar mais abstrato, expressando relações no texto (TRAUGOTT; HEINE, 1991) ou qualificação (HEINE *et alii*, 1991).

É certo que este trabalho não encerra a discussão sobre os usos das Temporais, mas convoca os pesquisadores a novos trabalhos e à identificação de novas funções. Creemos, ainda, ser necessário, em trabalhos futuros, um estudo quantitativo de cada um desses contextos, mostrando tendências de uso nos casos variáveis, como na função de *moldura*, por exemplo. É possível, também, uma descrição pormenorizada de cada uma dessas funções, considerando-se outras determinações (estruturais, semânticas, cognitivas etc.) para a posição das orações. Além disso, analisando uma função específica, os pesquisadores podem observar, na diacronia, contextos ainda ambíguos, evidenciando a origem e evolução de cada um desses usos.

Referências

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Análise sociofuncionalista da ordenação de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no Espanhol mexicano oral**. 2015. 182 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12620?mode=full>. Acesso em: 04 jun. 2020.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Efeitos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol mexicano oral**. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51477>. Acesso em: 13 jul. 2020.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza; RODRIGUES, Violeta Virginia. A Estrutura Argumental Preferida de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais desgarradas em memes quando. **Gragoatá**, Niterói, v. 23, n. 46, p. 518-543, maio-ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33588>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CHAFE, Wallace L. How People Use Adverbial Clauses. **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, [S.l.], p. 437-449, oct. 1984. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/1936>. Acesso em: 16 set. 2017.

COMRIE, Bernard. **Tense**. 4. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, Maria Beatriz Nascimento; SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; LIBERATO, Yara Goulart (Orgs.). **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. 1. ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001, v. 5. p. 103-166.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español** – Desarrollos teóricos. Ejercicios. Soluciones. Buenos Aires: Edicial, 1997.

DIESSEL, Holger. The ordering distribution of main and adverbial clauses: a typological study. **Language**, v. 77, n. 3, p. 433-455, set. 2001.

DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar** – Part 1: The structure of the Clause. 2. ed. rev. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar** – Part 2: Complex and derived constructions. 2. ed. rev. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

DUBOIS, J. W. Competing motivations. *In*: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-365.

DUBOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião Josué. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. *In*: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 49-71.

FORD, Cecilia. Overlapping relations in text structure. *In*: ANNUAL MEETING OF THE PACIFIC LINGUISTICS CONFERENCE, 2., 1986, Oregon. **Proceedings...** DELANCEY, Scott; TOMLIN, Russell S. (Eds.). Oregon: University of Oregon, Dept. of Linguistics, 1987.

FREITAG, Raquel Meister. Ko. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 115-132, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27799>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Variação em categorias verbais: correlações entre forma e função. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, p. 1121-1132, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1365>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FREITAG, Raquel. Meister. Ko; GONÇALVES, Sebastião. Carlos Leite. Da forma para função ou da função para forma? **Guavira Letras**, v. 12, p. 85-104, 2011. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/188>. Acesso em: 04 jun. 2020.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal. *In*: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Dirs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española** – Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa Calpe, S. A., 1999. v. 2. p. 3129-3208. (Colección Nebrija y Bello).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILI GAYA, Samuel. **Curso Superior de Sintaxis Española**. Barcelona: Bibliograf, S.A., 2000.

- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: An Introduction – Volume I**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001a.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: An Introduction – Volume II**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001b.
- GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. *In*: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; REZENDE, Tânia Ferreira. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 35-63.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. Australia: Edward Arnold, 1985.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, v. 1. p. 17-36.
- HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/413757?seq=1>. Acesso em: 04 jun. 2020.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop. A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, Texas, n. 44, p. 1-22, 1978.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, June. (ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.
- LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**, n. 7, p. 171-182, 1978.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Estágios de gramaticalização da noção de tempo – processos de combinação de orações. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 8, n.1 e n. 2, p. 183-194, jan./dez. 2004.

Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap12.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MARCHON, Amanda Heiderich. **As teias da argumentação: um estudo de interface sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. 165 p. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2019/TESE-AMANDA%20HEIDERICH%20MARCHON.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

MATTE BON, Francisco. **Gramática Comunicativa del Español** – Tomo I – De la lengua a la idea. Madrid: Difusión, 1992a.

MATTE BON, Francisco. **Gramática Comunicativa del Español** – Tomo II – De la idea a la lengua. Madrid: Difusión, 1992b.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of Grammar. **Annual Review of Anthropology**, v. 13, p. 97-117, 1984.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. **A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil**. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, São Paulo, 1999.

POBLETE BENNETT, María Teresa. Los marcadores discursivo-conversacionales en la construcción del texto oral. **Onomazein**, Santiago, v. 2, p. 67-81, 1997. Disponível em: http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/2/2_Poblete.pdf. Acesso em: 21 jul. 2020.

PRINCE, E. The ZPG letter: Subjects, Definiteness, and Information Status. In: THOMPSON, S.; MANN, W. (Eds.). **Discourse Description: Diverse Analyses of a Fund Raising Text**. Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 295-325.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española: manual**. Madrid: Asociación de Academias de La Lengua Española, 2010. 993 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. 14. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

SECO, Rafael. **Manual de gramática española**. 11. ed. 4. reimp. Madrid: Aguilar, 1996.

SILVA, Alexandra Ferreira da. A gramaticalidade da expressão “foi quando”. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 4, v. 4, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/342>. Acesso em: 16 jul. 2020.



ISSN: 1981-0601
v. 14, n. 1 (2021)



SOUZA, Maria Suely Crocci de. O papel discursivo e coesivo das orações temporais. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Descrição do Português**: definindo rumos de pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001. p. 67-78.

SOUZA, Maria Suely Crocci de. Menino saía da praça quando foi atingido por uma bala perdida: a cláusula temporal atípica. **Estudos Linguísticos**, n. 35, p. 1413-1422, 2006.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: John Benjamins, 1991, v. 1.